

Diálogos com J.L. Sanfelice: uma condição para sermos felizes no ofício acadêmico

Dialogues with J.L. Sanfelice: a condition to be happy in academic work

Rodrigo Sarruge Molina¹
Sônia A. Siquelli²

6

Resumo: Um educador, orientador e intelectual da envergadura de José Luís Sanfelice nos movimentou a esta produção principalmente pela natureza de seu trabalho acadêmico no exercício como profissional da educação. Sua forma de orientar pesquisas e sua produção bibliográfica, sua postura crítica ao debater questões e socializar seus conhecimentos em Filosofia e História da Educação, em Políticas Educacionais e em História de Instituições Escolares. Por meio de um recorte de alguns temas de sua produção nestes campos e de narrativas de um professor que teve sua pesquisa de doutorado e de uma professora que teve sua pesquisa de pós-doutoramento, ambos orientados e supervisionados pelo professor Sanfelice na Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas. Esta produção permitiu confirmar que intelectuais desta natureza são forjados no contexto dos embates e convivência humana presente no meio acadêmico, por meio do ofício da docência à orientação de pesquisa. Assim corroboram com a compreensão de que, como pesquisadores em educação, provocar a apropriação do movimento e das disputas de forças do campo e de conhecimento presentes no meio acadêmico. A teoria e a metodologia que utilizamos para a escrita desse artigo é baseada em memórias e experiências pessoais e a produção acadêmica científica do professor Sanfelice, o que configura esse texto como um misto de artigo científico, discurso memorialístico e ensaio acadêmico.

Palavras-chave: Intelectuais da Educação; José Luís Sanfelice; Filosofia; História da Educação.

¹ Doutor em Educação pela Universidade Estadual de Campinas-UNICAMP. Professor da Universidade Federal do Espírito Santo-UFES. Teve sua pesquisa de doutoramento orientada por J. L. Sanfelice, pela Linha de Filosofia e História da Educação, na Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas-UNICAMP, nos anos de 2012 a 2016. Contato: molinaprof@hotmail.com

² Doutora em Educação pela Universidade Federal de São Carlos-UFSCAR. Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade São Francisco-USF. Teve sua pesquisa de pós-doutoramento supervisionada por J. L. Sanfelice, pela Linha de Filosofia e História da Educação, na Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas-UNICAMP, nos anos de 2017-2018. Contato: soniapsiquelli@gmail.com

Recebido em 22/03/2022

Aprovado em 16/04/2022

Sistema de Avaliação: *Double Blind Review*



Abstract: An educator, advisor and intellectual of the stature of José Luís Sanfelice moved us to this production mainly due to the nature of his academic work as an education professional. His way of guiding research and his bibliographic production, his critical stance when debating issues and socializing his knowledge in Philosophy and History of Education, in Educational Policies and in the History of School Institutions. Through a clipping of some themes of his production in these fields and narratives of a professor who had her doctoral research and a professor who had her post-doctoral research, both guided and supervised by Professor Sanfelice at the Faculty of Education of the University State of Campinas. This production allowed us to confirm that intellectuals of this nature are forged in the context of conflicts and human coexistence present in the academic environment, through the profession of teaching to research orientation. Thus, they corroborate with the understanding that, as researchers in education, to provoke the appropriation of the movement and the disputes of forces of the field and of knowledge present in the academic environment. The theory and methodology that we used to write this article is based on memories and personal experiences and the scientific academic production of Professor Sanfelice which configures this text as mix of scientific article, memorial resouces and academic essay.

Keywords: Education Intellectuals; Jose Luis Sanfelice; Philosophy; History of Education.

INTRODUÇÃO

Uma expressão muito usada pelo professor e orientador José Luís Sanfelice era de que em cada feito, em cada circunstância de nossa história, sempre há o envolvimento de inúmeras e infinitas pessoas, assim o texto que construímos em diálogo e parceria há presente memórias variadas de acontecimentos com os mais variados ex- alunos e orientandos, dos diálogos ocorridos nos debates calorosos das aulas, dos encontros, em eventos, regados sempre de discussões teóricas às compreensões possíveis de cada um no espaço da formação do educador e pesquisador, junto ao seu mestre. Este texto apresentado, ora em formato de narrativa e ora em formato descritivo, almeja evidenciar como a trajetória acadêmica e as relações com intelectuais da educação também compõem a formação de novos educadores e pesquisadores em Educação.

Dentre os desafios que nos apresentam este texto, o maior, sem dúvidas, é o de escrever sobre o professor José Luís Sanfelice, visto que ainda nos encontramos tentando dar conta do espaço vazio deixado recentemente pela sua partida no mês de abril de 2021. Segundo sua cronologia publicada na obra organizada por Chianello e Siquelli (2021), José Luís Sanfelice nasceu em 1949 na cidade de São José do Rio Preto, no interior paulista, filho de imigrantes de origem italiana, trabalhadores que buscavam seu lugar ao sol em terras sul-americanas.

Iniciou sua formação escolar no primário em uma escola pública na cidade natal e foi para o Seminário cursar o ginásio de 1961 a 1967 na região de Ribeirão Preto/SP, quanto a esta formação afirmava, que era uma educação tradicional e impositiva, calcada nos valores de hábitos rigorosos. Ainda assim, Sanfelice ressalta os benefícios desta educação para sua vida, pois a vida em comunidade era enriquecedora e a disciplina aos estudos garantiram sua bagagem cultural erudita. Por fim, Sanfelice também destacava nessa educação no seminário o importante benefício da conquista de uma autonomia na organização de sua vida pessoal, pautada no planejamento.

Segundo sua cronologia, 1968, um ano emblemático para vida política e social no Brasil, Sanfelice ingressa em Filosofia na PUC/Campinas, mas conclui o curso de bacharel e licenciado na PUC/SP em 1971, devido crise institucional sofrida pela PUC/Campinas naquele momento. Mestre e Doutor em Educação pela PUC/SP no final da década de 1970 tem várias experiências de docência em instituições públicas e privadas, durante e pós o período de estudo.

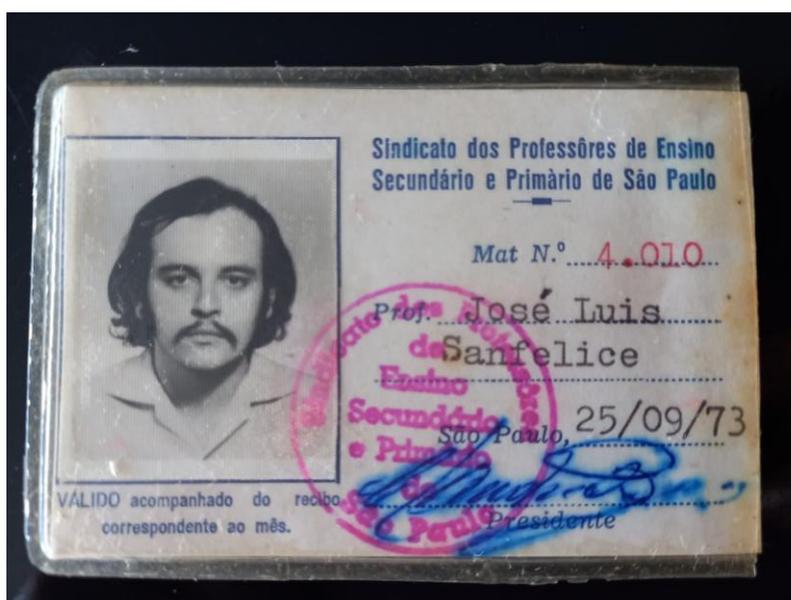


Figura 1. Carteirinha de sindicalizado em 1973. Arquivo pessoal da Família Sanfelice.

Em 1981 inicia sua carreira docente na Universidade Estadual de Campinas, onde exerceu muitas experiências de sala de aula, à coordenação, direção da Faculdade de Educação e orientação de teses e dissertações, até os anos 2012, ocasião de sua aposentadoria e mesmo assim permaneceu como professor colaborador até sua morte em 2021. Sua vida foi profícua no meio acadêmico, entre ensino/sala de aula; extensão/coordenação de convênios entre universidades e pesquisa/orientador do Programa de Pós-Graduação em Educação, pela Linha

de Pesquisa Filosofia e História da Educação da Faculdade de Educação da Unicamp. Segundo Rodrigo Sarruge Molina, seu ex-aluno:

Eu tive a alegria de conhecê-lo de diversas formas, seja como aluno, colegas, e nos últimos anos de sua vida também, como amigos. Para nós, Sanfelice, trata-se de um personagem extraordinário, pois sempre foi cuidadoso e preocupado na orientação das pesquisas e com a vida de seus alunos. Na sala de aula, sempre era atencioso, nunca deixou de preparar suas exposições magistrais e provocativas. Me ensinou a humildade e a importância pela coisa pública, sobretudo na luta pela educação pública, laica e socialmente referenciada, ou seja, a luta pela democratização da educação como coisa do povo e para o povo, diferente como sempre foi em nossa sociedade capitalista sob comando da burguesia, ou seja, uma instituição do Estado que é dirigida para beneficiar o capital. ‘Sanfa’ ou ‘Zé’, como o chamávamos carinhosamente, nos aconselhou e orientou durante muitos anos, especialmente na área de História da Educação, nos estudos de Instituições Escolares, na visão marxista direcionada para a pesquisa educacional, ou mesmo na visão que seu orientando apresentava, pois era da constituição intelectual de Sanfelice respeitar a visão de mundo de cada um, desde que com coerência à visão e à metodologia empregada. Acredito que nossa parceria foi muito produtiva, pois para além de programas televisivos, escrevemos uma tese de doutorado (MOLINA, 2016) e alguns artigos científicos. Embora professor titular da Faculdade de Educação da Unicamp nunca esqueceu sua origem popular e estava ligado à luta da classe trabalhadora e sua emancipação. (MOLINA, 2021)

9

OUSOU LUTAR, OUSOU SONHAR E OUSOU VIVER

Em entrevistas concedidas ao longo de sua vida, quatro delas publicadas em (CHIANELLO; SIQUELLI, 2021, p.35-100) percebe-se o movimento histórico realizado entre as experiências de Sanfelice em sociedade e a produção de seu conhecimento. Da década de 40 do século XX, seguido do período da ditadura civil-militar, período que demonstrou ousadia ao trazer à tona o estudo sobre o Movimento Estudantil e a resistência da juventude ao sistema opressor.

Escrever sobre a juventude marcou um período de sua produção, principalmente na perspectiva de resistência à sociedade capitalista no movimento de globalização aos movimentos sociais.

Lembro que o nosso último encontro foi em um pesqueiro próximo da Unicamp, lá para os lados das chácaras na estrada da Rhodia. Na ocasião, ele estava me dando dicas de como trabalhar na universidade, visto que eu havia sido aprovado para trabalhar na federal do Maranhão, após aprovação em um concurso. Na sua atitude humilde e sincera, naquela altura de nosso

relacionamento, ele não me tratava mais como seu aluno, mas como seu amigo e colega. Embora, realmente fossemos amigos, para mim ele continuava a ser meu professor, aquele grande mestre que me orientou e me ajudou a me formar como doutor em História da Educação e me incentivou a estudar na Itália em 2013, naquela “época dourada” de nossa nação, quando nossas universidades ainda tinham bolsas de pesquisa, governos interessados na ciência e tentativas tímidas de soberania nacional. Para mim, Zé, tratava-se de uma autoridade, mas não no sentido de chefe autoritário e de autoritarismo, mas de uma autoridade e hierarquia respeitada naturalmente pela sua brilhante pessoa e obra, embora ele nunca se utilizasse dessa posição para dar “carteiradas” em seus alunos, colegas ou “quem quer que seja”. Ainda no pesqueiro, lembro-me que entre um cigarro e um gole de cachaça, esperávamos o peixe fisgar a vara e conversávamos não somente sobre a universidade, mas também sobre a preocupante conjuntura política de perda de direitos para as classes trabalhadoras. E isso me remete ao posicionamento político do mestre, pois ele nunca se esquivou das lutas políticas e ideológicas, se recusava a ficava em cima do muro, como foi sua incansável denúncia contra o golpe de 1964 e o de 2016, movimentos reacionários que realizaram enormes retrocessos sociais, especialmente para os trabalhadores. Essa conexão com as classes populares sempre esteve presente em sua vida. Uma fidelidade de origem, dos extratos operários e camponeses de onde sua família veio e nunca esqueceu ou ousou esconder. Essa origem de classe dialogava com seu rigor científico - teórico e metodológico do marxismo - sua lente analítica e seu compromisso com a luta pela superação da barbárie capitalista por meio da construção do socialismo. O rigor teórico mesclado com sua simplicidade franciscana era fascinante, visto que era um dos principais intelectual de sua área, o que ele nunca deixou subir à cabeça. Como dito anteriormente, na Unicamp, tratava a faxineira da mesma forma que tratava o reitor. Era acolhedor, e muitas vezes procurava ajudar e resolver os problemas dos alunos como se fossem seus “filhos”. Nos momentos mais críticos, sejam acadêmicos, políticos ou pessoais, Sanfelice não deixava a gente sucumbir a qualquer desânimo e irracionalismo. Era aquele tipo de professor que ajudava a gente a compreender a realidade, especialmente quando percebia que estávamos perdidos nas nuvens. Nesse momento de precipitação espacial, ele nos chamava e mostrava o caminho para voltarmos a colocar os nossos pés no chão. Tinha uma grande habilidade em diagnosticar os “desvios na rota”, como eram os delírios idealistas ou as “paixões novidadeiras”. Nosso mestre tinha o antídoto contra esses entorpecentes, mas nunca impunha sua posição, apenas recomendava ou sugeria as melhores estradas. Embora marxista, nunca impunha sua lente aos orientandos, mas advertia: “Quer ser liberal? Então seja fiel aos aspectos teóricos e metodológicos do liberalismo”. E aqui me leva a uma das contradições de nossas convivências, pois suas posições eram complexas ao mesmo tempo que sutis, pois ao mesmo tempo que incentivava nossa permanência na universidade, visando nossa formação e disputa pela hegemonia educacional, também nos alertava para a complexidade da vida que não se esgotava nas misérias e vaidades acadêmicas. Para além de disputas de micro poder e de vaidades acadêmicas, em seu memorial de livre docência, confessa que foi na universidade que mais observou com clareza as lutas ideológicas e partidárias, onde a tese não brinca com a antítese, mas quer eliminá-la. Era sem dúvida uma figura paternal e pode ser que isso tenha relação com sua formação de seminarista da igreja católica, quando ficou anos internado para estudos preparatórios para o sacerdócio no interior paulista. Embora tenha rompido com essa pedagogia tradicional da igreja, continuou indiretamente a ser um “padre” laico não consagrado pelo Vaticano. Melhor explicando, embora a figura do “padre Sanfelice” fosse presente em sua atitude

de professor, amigo e colega, não se tratava de uma questão paternal ligado ao patriarcado, na realidade, era uma atitude extremamente acolhedora e fraterna de ajudar o próximo, pode-se dizer que um comportamento que mesclava suas origens revolucionárias católicas franciscanas e socialistas de amor e igualdade. Isso era evidente quando estávamos nos corredores da Unicamp ou nos eventos acadêmicos, pois sempre era parado por ex-alunos e ex-colegas que sempre demonstraram muito carinho e agradecimento. Até mesmo nos momentos mais complicados e difíceis como diretor, professor ou coordenador, ele se mostrava calmo e sereno. Nunca se desequilibrava e mesmo quando era para dar “broncas” era sensível e compreensível com o próximo. No lugar de punir ou humilhar os discentes, ajudava todos a se reerguer e se tornarem melhores sujeitos. Foi também um “subversivo”, evidentemente que pensando no lado positivo do termo, pois foi um combatente contra à ditadura. E aqui cabe um parêntese, pois ele fazia questão de afirmar que não foi somente um regime militar ou ditadura militar, mais uma ditadura alicerçada em uma aliança civil-militar, onde burgueses e militares se uniram por meio de uma ditadura para implantar um projeto capitalista autoritário e antipopular. Sanfelice, propunha uma solução socialista e democrática em oposição à “ditadura do grande capital” e por isso, foi perseguido e caçado, especialmente no meio acadêmico. Esteve ligado ao partidão (PCB) na década de 1980 em uma célula de professores da PUC em São Paulo e por ser estudioso do marxismo na educação foi marginalizado de diversos espaços acadêmicos nacionais da História da Educação e também foi caçado na Universidade do Estado do Mato Grosso, sua primeira experiência docente no ensino superior. Isso mostra que Sanfelice nunca se esquivou da luta, como podemos ver sua atuação no interior do movimento estudantil. Segundo suas memórias, auxiliou na resistência, quando abrigou em seu quarto, alguns dirigentes da UNE que eram perseguidos pela ditadura ou quando instruiu os estudantes com técnicas contra a repressão, visto que quando jovem estava dentro do exercício para serviço militar obrigatório. Nessa ocasião, confessou que tinha medo de ser preso, mas seguiu em frente e não se acovardou. Até mesmo dentro da Faculdade de Educação e da Unicamp, como diretor ou professor, ele teve que aguentar muitos ataques, mesmo tendo sido uma das pessoas que mais se doou para aquela instituição paulista. E tudo isso mostra que Sanfelice foi e não foi acadêmico. Era acadêmico no sentido de ser um grande intelectual, sério, rigoroso e fiel aos seus preceitos teóricos e metodológicos na área da História da Educação. Sempre trabalhava e buscava aperfeiçoar e auxiliar na luta pela libertação da classe trabalhadora por meio da ciência marxista. Produzia muitos artigos, livros, orientava seus alunos com dedicação e nunca se deixou seduzir pelo atual produtivismo acadêmico, a concorrência, o individualismo e autopromoção das vaidades que contaminam e dominam a universidade contemporânea. Nesse quesito, era acadêmico e antiacadêmico, pois foi um intelectual transgressor, acadêmico rigoroso na ciência e na docência, mas crítico ao sistema. Sua simplicidade franciscana e resistência ao produtivismo contrastavam com a presença de um professor conhecido, admirado e referência na área de estudos da Educação. Como “filhos” de Sanfelice, hoje somos órfãos. Mas não somente ex-alunos, ex-colegas e ex-amigos, nosso mestre também fará falta para o planeta, pois seres com integridade, honestidade, caráter e princípios igualitários são cada vez mais difíceis de serem encontrados em tempos de neofascismo, individualismo e perversidade capitalista. Na Universidade sentiremos falta de sua presença e convicções, pois demonstrava como não tergiversar e se pactuar com os esquemas obscuros da atual universidade brasileira. Infelizmente, em decorrência da pandemia, não pudemos chorar juntos a perda do nosso amigo e mestre, o que tornou aquele momento mais triste que o normal. Mas eventos

como esses nos trazem mais forças e é assim que ele gostaria de nos encontrar, com forças e união. Acredito que a nós caberá agora manter viva sua memória e sermos coerentes com seus ensinamentos, como foram suas aulas e conselhos nos espaços formais dos nossos grupos de estudos e pesquisas do HISTEDBR, nas Atividades Programadas de Pesquisas (APP), nas suas disciplinas na graduação e pós-graduação, nas suas orientações particulares e coletivas, nas suas palestras e também em seus diversos escritos e vídeos. Os aprendizados com Sanfelice também foram ricos nos espaços informais, fosse na famosa e extinta “cantina da portuguesa” na FE ou mesmo nas pescarias, lócus de silêncio e reflexão. Para aqueles que frequentavam a Unicamp, ficará na memória aquela lembrança do último andar do prédio da FE, quando desanimados com nosso país e a universidade sempre encontrávamos aquela fresta de luz no fim do corredor do bloco F. Muitas vezes, para nós, aquela claridade funcionava como uma luz no fim do túnel... (MOLINA, 2021)



Figura 2. Fotografia de 2012. Arquivo Particular do autor. A foto retrata a ocasião da homenagem que os alunos e funcionários da Faculdade de Educação da Unicamp prepararam para Sanfelice, no momento de sua aposentadoria na FE/Unicamp. De pé, da esquerda para à direita estão os ex-alunos Lalo Minto, Rodrigo Molina, Bernardo Ribeiro, Eraldo Batista, professor José Sanfelice, ex-alunas Azilde Andreotti, Fabiana Rodrigues e a ex-funcionária Cleonice Pardim. Agachadas, da esquerda para à direita, estão as ex-alunas Talita Bordignon, Mirian Porfírio, Caroline Florido e o ex-livreiro da FE, Luiz Toledo.

SANFELICE E A DITADURA: RESISTÊNCIA E PERSEGUIÇÃO

Foi objeto de pesquisa do Doutorado em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo-PUC/SP em 1985 de Sanfelice, investigar o papel da União Nacional dos Estudantes-UNE, na vida nacional e na educação brasileira. Das diversas faces que este movimento tomou ao longo da década de 60 do século XX, ao tomar posições políticas

antagônicas ao sistema ditatorial que se apresentava, “apesar das inúmeras divergências internas...” (SANFELICE 1996, p. 12)

Conforme, a participação no Colóquio “José Luís Sanfelice: Educador e Intelectual”, realizado em 02 e 03/12/2021, de forma remota, responsável juntamente com a professora e companheira Talita Francieli Bordignon (UFG) da Roda de Conversa "Juventudes e Resistência no século XX", reflexões realizadas acerca da Tese defendida na Unicamp e orientada pelo Sanfelice, foi trabalhado o projeto da Ditadura para a Educação Superior Agrícola e as consequentes resistências de professores e estudantes contra esse projeto autoritário (MOLINA, 2016). Antes de mais nada, como dito anteriormente, é preciso ressaltar o entendimento de ditadura na obra do professor Sanfelice, que culminou com a publicação no ano de 1986 da obra "Movimento Estudantil: a UNE na resistência ao golpe de 64". (MOLINA, 2021)

Em poucas palavras visto que esse evento virtual foi breve, é importante destacar que para nosso mestre, o golpe de 1964 foi uma articulação entre a burguesia nacional, a burguesia internacional imperialista, parte dos militares brasileiros e estadunidenses que visavam barrar os avanços e conquistas populares como os direitos trabalhistas de camponeses ou o avanço na luta democrática que os estudantes da UNE promoviam dentro da universidade e no interior brasileiro. Após o golpe de 1964 e os 21 anos de ditadura, sua interpretação continuou destacando essa aliança entre empresários civis (nacionais e internacionais) e forças armadas, a UNE perturbava os golpistas porque

[...] havia se manifestado e comprometido com ideias, princípios e reivindicações que questionavam os projetos econômicos e sociais, principalmente da burguesia nacional e do imperialismo. Nas universidades, pretendia-se construir um espaço de ensino e pesquisa que atendesse aos interesses do povo brasileiro, ligar a reforma universitária às outras reivindicações populares pelas reformas de base. (SANFELICE, 1996, p. 48 e 73)

No estudo sobre o papel da UNE, Sanfelice (1996) procurou explicitar as posições políticas e interpretações da realidade brasileira, que muito fez frente à ditadura no período investigado. Sua análise revela o contexto histórico do golpe, quando governo democraticamente eleito de João Goulart foi deposto pelos militares auxiliados pelo governo dos Estados Unidos e apoiados por setores civis como a burguesia atrelada ao capital externo e a igreja. Os militares justificavam as operações ditatoriais como o único caminho para restabelecer a ordem no Brasil diante do caos econômico e crescimento de movimentos sociais

populares de caráter supostamente comunista que estariam preparando junto da União Soviética uma revolução anticristã em solo brasileiro. Na resistência estavam jovens estudantes pertencentes a UNE que deram a vida contra a sanguinária ditadura vigente entre 1964 a 1985.

No livro fica claro que a União Nacional dos Estudantes (UNE) foi um dos principais focos de resistência ao regime ditatorial. Valendo-se de fontes primárias e bibliográficas e com rigor teórico-metodológico, o estudo revelou a riqueza de ideologias que permeavam o movimento estudantil da época, concentradas na UNE e originárias da contraditória história brasileira. Sanfelice destacou especialmente o combate da UNE contra a ditadura, seus momentos de radicalização, desorganização, reorganização, ação popular, guerrilha e clandestinidade.

Destaca-se em sua análise os acontecimentos entorno da reforma universitária em 1961, a UNE volante, a UNE à esquerda, os passos do movimento estudantil pós-64, as reações e resistências ao movimento de 1964, a radicalização da UNE, as teses da UNE permeadas de um referencial teórico marxista, anti-imperialista e aliado aos camponeses e operários.

Sanfelice (1996) também narrou episódios marcantes como o XXX Congresso da UNE em Ibiúna-SP, quando as tentativas de organização da entidade clandestina foram golpeadas pela feroz repressão militar, culminando em uma grande desarticulação e divisão do movimento estudantil. No entanto, Sanfelice (1996) revelou que apesar da perseguição, a UNE continuou atuando na clandestinidade lutando contra a ditadura e aliada dos movimentos de trabalhadores da cidade e do campo e alguns setores da igreja. “Agitaram”, “Denunciaram”, “Lutaram” em fim, resistiram.

Hoje, quando muito se discute os 58 anos do golpe de 1964 e observamos o “ressurgimento” de movimentos de extrema direita que exigem a volta dos militares ao poder, o livro de José Luís Sanfelice constitui uma leitura obrigatória na nossa instrução e organização na resistência a golpes contra regimes democráticos e o retorno de ditaduras, que ainda continuam a rondar os países latino-americanos em pleno século XXI.

SANFELICE: SOBRE QUESTÃO DO PÚBLICO E DO ESTATAL: RESISTÊNCIA CONTRA O CAPITAL

Conforme nossos estudos e orientações, uma das principais questões levantadas foram acerca da diferença entre público e estatal, ou seja, existe um entendimento errôneo de que nossas universidades são instituições públicas a serviço do povo, mas na realidade, são estatais

a serviço da burguesia. Bastando ver, por exemplo, na tese do meu objeto de estudo que foi a ESALQ/USP, pois a maior parte das verbas e pesquisas e disciplinas estão orientadas para beneficiar os proprietários do agronegócio e não os camponeses e povos da terra.

De acordo com (SANFELICE, 2005, p. 101), durante a História do Brasil, “o Estado traçou políticas educacionais quando as necessidades objetivas do modo de produção capitalista aqui implantado assim o exigiram, em suas diferentes conjunturas” ou “observa-se o constante socorro que o Estado faz às ‘mazelas’ do capital” e da burguesia local e internacional, em detrimento da marginalização das políticas sociais e dos direitos dos trabalhadores (idem, p. 94). Na ditadura civil-militar, a educação agrônômica e as ciências agrárias no geral, atuaram no fomento das necessidades das bases materiais e das relações sociais para manter o fundamento da ordem capitalista no campo e na cidade: a propriedade privada dos meios de produção e a concentração da riqueza, o capital.

Em suma, embora a universidade seja pública em sua denominação jurídica, ela não é do povo e, portanto, não é pública. Na realidade ela é estatal, ou seja, em nossa sociedade é controlada pelo Estado capitalista por meio de sua classe dominante, a burguesia (SANFELICE, 2005, p. 91).

Vejamos abaixo algumas reflexões acerca dessas questões teóricas na prática docente de Sanfelice. Segundo Sônia Siquelli, sua ex-aluna, que também teve o privilégio de trabalhar junto do mestre:

Durante os anos de 2014 a 2018, trabalhando no sul de Minas Gerais em um Programa de Mestrado em Educação, Sanfelice como coordenador do curso, pude experimentar um dos momentos de maior e mais significativa aprendizagem sobre a pós-graduação *stricto sensu* no Brasil, desde sua constituição histórica até os desafios de forjar um curso de formação de pesquisadores no espaço de uma instituição privada e tradicional, longe dos grandes centros urbanos brasileiros. Um aprendizado com um pesquisador e intelectual experiente e maduro, que primava pelo espaço democrático, e de forma exímia proporcionava relações democratizadas desde as reuniões de colegiado estendidas a todas as professoras do Programa às aulas, aos debates, com convidados e convidadas, acadêmicos de perspectiva crítica, marcaram nossas vivências, nas mais diversas experiências da construção de um espaço de formação de qualidade frente a todos os desafios apresentados. Uma experiência fundamentada na realidade que vivíamos naquele momento histórico frente às condições que nos eram dadas. Tudo isso, numa relação dialética estabelecida a partir das narrativas que Sanfelice dividia conosco, corpo docente composto por dez mulheres professoras, de suas experiências, constituída na docência, de pesquisa, de coordenação e de direção da Faculdade de Educação da UNICAMP, suas viagens às universidades de Norte a Sul deste país, criando cursos, formando mestres e doutores, estabelecendo convênios, conhecendo pessoas e culturas diferentes. Bem a gosto de Benjamin em seus

textos *Experiência e pobreza* (1933) e *O contador de histórias* (1936), as narrativas de Sanfelice permitiam reflexões sobre os desafios que experimentávamos na formação de Mestres em Educação em uma instituição isolada (SIQUELLI, 2022).

Pelo apreço que Sanfelice tinha pela escola pública, pela universidade democratizada, não se eximiu de experiências em espaços privados de educação, quando a necessidade materializada no curso histórico da vida, o chamou. Pode parecer contraditório, ou é mesmo, estas experiências vividas ao longo de sua vida profissional, marcaram contradições vividas, mas ao ocupar espaços privados de instituições educacionais, jamais se despiu de seus valores de uma educação democratizada, o que pode ser confirmado pelos seus pares de tempos diferenciados, vivenciados em instituições diferentes, conforme sua cronologia apresentada por Chianello e Siquelli (2021).

SANFELICE: O MARXISMO NOS ESTUDOS DAS INSTITUIÇÕES ESCOLARES

Uma das maiores contribuições de José Luís Sanfelice para a área da Educação foram seus estudos e pesquisas acerca da teoria e metodologia do materialismo histórico dialético para o campo educacional, especialmente na linha de pesquisas de História das Instituições Escolares no Brasil.

Para Sanfelice, o estudo da história das instituições escolares é fundamental para a compreensão da educação, pois, as histórias das escolas é a própria história da educação, - “e não uma mera subdivisão dela” (SANFELICE et. al, 2016, p. 28)

Mergulhar no interior de uma Instituição Escolar, com o olhar do historiador, é ir em busca das suas origens, do seu desenvolvimento no tempo, das alterações arquitetônicas pelas quais passou, e que não são gratuitas; é ir em busca da identidade dos sujeitos (professores, gestores, alunos, técnicos e outros) que a habitaram, das práticas pedagógicas que ali se realizaram, do mobiliário escolar que se transformou, e de muitas outras coisas. Mas o essencial é tentar responder à questão de fundo: o que esta instituição singular instituiu? O que ela instituiu para si, para seus sujeitos e para a sociedade na qual está inserida? Mais radicalmente ainda: qual é o sentido do que foi instituído? (SANFELICE, 2016, pp. 28-29)

No sentido de responder estas indagações fundamentais,

analisei em meu doutorado as relações da escola de agronomia da Universidade de São Paulo (ESALQ/USP) e seu entorno, ou melhor, fiz relações entre o local (escola) com o global (sociedade). Tratou-se de um exercício em que foram relacionadas as particularidades do objeto (micro) com o quadro geral das estruturas organizacionais da sociedade do nosso recorte cronológico (macro). O objeto único e singular do estudo eram os projetos e as práticas no interior da “Luiz de Queiroz”, em Piracicaba, delimitada entre os anos de 1964 a 1985 (...) Sanfelice lutou e me ensinou a valorizar a ciência e o marxismo e não me iludir com os cantos da sereia do pós-modernismo e do culturalismo, pois para esses autores pós-modernos e novidadeiros “existe”: a recusa da análise dos “processos históricos” e seus determinantes gerais; negação do trabalho com as metanarrativas e defesa da compreensão do singular e subjetivo dissociado do universal, ou seja, do conjunto de relações sociais historicamente determinadas; interpretação de um mundo irracionalmente compreendido, isto é, uma realidade não material, “impalpável”, impossibilitada de ser transformada e por fim, rejeição de análises marxistas, como práxis racional dos homens sobre o presente e o projeto de futuro sem classes sociais sob a égide do socialismo e o comunismo. (MOLINA, 2021)

Segundo os estudos de Sanfelice, as instituições escolares possuem relações com múltiplas outras instituições, orgânicas e dinâmicas inter-relações, obedecendo a uma hierarquia rígida (SANFELICE, 2009, p. 198). Essas pesquisas devem compreender as origens das instituições escolares, seus projetos pedagógicos, os regulamentos internos, a disposição arquitetônica, os funcionários, os diplomados, a(s) classe(s) social(ais) beneficiada(s), e os aspectos gerais da sociedade desse recorte histórico, como são, por exemplo, as relações dessa escola com os meios materiais de produção (economia), a política, a cultura, ou seja, em uma acepção marxista, os fatores da superestrutura.

De acordo com Sanfelice: [...] se produz um trabalho historiográfico das Instituições Escolares para interpretar o sentido daquilo que elas formaram, educaram, instruíram, criaram e fundaram, enfim, o sentido da sua identidade e da sua singularidade. No entanto, o trabalho maior do historiador, “é compreender a relação do singular com o geral. (...), pois a instituição é objeto de interesses contraditórios de ordem econômica, política, ideológica, religiosa e cultural, dentre outros” (SANFELICE, 2006 pp. 24-25).

A seguir, vejamos essas questões teóricas do professor com sua prática docente. Segundo sua ex-aluna, Sônia Siquelli:

Na supervisão de minha pesquisa de pós-doutoramento³, cujo objeto de

investigação situava-se no campo do estudo de Instituições Escolares e teve como objeto o Instituto Federal de Educação,

³ Ver SIQUELLI (2018)

Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais-IFSULDEMINAS, especificamente os três campi: de Inconfidentes, de Machado e de Muzambinho. Investigou-se as transformações que cada uma dessas instituições escolares de ensino de formação para o trabalho sofreu, quais transformações perduraram e quais se transformaram, uma vez criadas no século XX foram incorporadas, em forma de unidades (campi), com a criação da lei 11.892 de 2008 pelo governo do então presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Sanfelice (2008,2009,2016) é contundente e minucioso ao afirmar que: “os embates travados entre as perspectivas que dão ênfase ao particular (local) versus aquelas que enfatizam o geral (nacional ou certa totalidade) é necessário que se estabeleça uma interlocução mais próxima com os historiadores”. (SANFELICE, 2016, p. 23). E, sem se omitir da celeuma crítica acerca da “... escolha por uma história das instituições escolares não leva mecanicamente à micro história, pois a perspectiva de análise é que se torna decisiva...”. (SANFELICE, 2009, p.25). Acredita, assim como Vainfas (2002) que independentemente do tema há sempre um recorte no objeto de investigação, afirma “o que importa é a perspectiva de análise” (VAINFAS, 2002, p.39). Aprendi no processo de diálogos incansáveis com o supervisor e professor Sanfelice, que o pesquisador nunca será o mesmo ao entrar na instituição escolar do momento que sai da mesma, a visão sobre o objeto, a instituição escolar se transforma. E, ainda, que podemos contar a história da educação Brasileira a partir da história de uma instituição escolar. Essa experiência confirma o que para Sanfelice (2016), que, ao pesquisar uma instituição escolar com intuito de conhecer a história da educação, o que importa mesmo é como o pesquisador sairá dessa instituição, no término de sua pesquisa e não como ele entrou. Trabalhar com projeto como o descrito anteriormente no interior de uma disciplina, permitiu conhecer, através das histórias de cada instituição o percurso histórico por onde corre a história da educação no Brasil. No entanto, o meu olhar mais sensível para o estudo das instituições escolares passou a ganhar outro significado nos estudos e pesquisas em que me ancoro ao empreender tal ousadia, principalmente a do convívio com o historiador e professor José Luís Sanfelice. (SIQUELLI, 2022)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

À guisa de concluir esta produção, da abordagem do convívio com o professor, com o pesquisador, ao conjunto de narrativas de dois professores que no processo de aprendizagem do ofício de pesquisador, se permitiram socializar e se fazerem entender na completude da formação inacabada, sempre em construção, com a contribuição deste que foi da docência ao

amigo, ao parceiro de pesquisa, ao companheiro de luta pela educação pública, ao intelectual, professor J. L. Sanfelice, que para além de todos os ensinamentos aqui apresentados e os tantos mais, que não foi possível abordar, nos ensinou a humanização pela educação escolar/acadêmica, fazendo ciência humana, formando professores e pesquisadores e acima de tudo sendo felizes na trajetória forjada por cada um de nós.

Portanto, pedimos licença aos leitores para finalizar esse texto acadêmico e memorialístico com uma poesia sobre nosso grande mestre:

ENCANTAR-SE

Encantou-se o professor, com toda sua bagagem de conhecimento
para nossa formação.

Encantou-se o orientador, que humildemente nos ensinou, sem
pretensão nenhuma, o respeito à visão de mundo de cada um.

Encantou-se o amigo, o ser humano e, neste rodopio, a consciência
do espaço encantado em nossa existência.

Um movimento contraditório, de alegria e de dor, que nos leva
para dentro de nós mesmos. Um silêncio, próprio dos encantados,

Presente!

Uma certeza! A importância de sermos felizes!
Sanfelice, Encantado Amigo, muita Gratidão.

Sônia Aparecida Siquelli
(Inverno de 2021)

(CHIANELLO e SIQUELLI, 2021, p.450)

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, W. Experiência e pobreza [1933]. In: **O anjo da história**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012, p. 85-90.

_____. O contador de histórias. Reflexões sobre a obra de Nikolai Leskov [1936]. In: **Linguagem, tradução, literatura; filosofia, teoria e crítica**. Belo Horizonte: Autêntica, 2013, p. 147-178.

CHIANELLO, L.C. de O.; SIQUELLI, S.A. **Da Filosofia à História da Educação**: textos de José Luís Sanfelice. São Carlos: Pedro & João Editores, 2021. Disponível em: <https://pedrojoaoeditores.com.br/site/da-filosofia-a-historia-da-educacao-textos-de-jose-luis-sanfelice/> . Acesso em 25/03/22.

MOLINA, R.S. Ditadura, agricultura e educação: a ESALQ/USP e a modernização conservadora do campo brasileiro (1964 a 1985) Tese (Doutorado) - Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2016. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/1630122> Acesso em: 20 jan. 2018.

MOLINA, R. S. Texto escrito para o Colóquio “José Luís Sanfelice: Educador e Intelectual”. Arquivo do autor – Vitória, Espírito Santo. Redigido em 03 de dezembro de 2021.

SANFELICE, J.L. História e Historiográfica de Instituições Escolares. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, n.35, p. 192-200, set.2009.

_____. **Movimento estudantil**: a UNE na resistência ao golpe de 1964. Campinas, SP: Editora Alínea, 1996.

_____. História, Instituições Escolares e Gestores Educacionais. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, n. especial, p.20-27, ago. 2006.

_____. Da escola pública estatal burguesa à escola democrática e popular: considerações historiográficas. IN: LOMBARDI, J. C.; SAVIANI, D. NASCIMENTO, M. I. M. (Org.). **A escola pública no Brasil**: história e historiografia. Campinas/SP: Autores Associados: HISTEDBR, 2005.

_____. **História das Instituições Escolares**: desafios teóricos. Série Estudos. Dossiê: História das Instituições Educacionais. Campo Grande: UCBD, 2008.

SANFELICE, J. L.; JACOMELI, M. R. M.; PENTEADO, A. E. A. (Org.), **Histórias De Instituições Escolares: Teoria E Prática**. Bragança Paulista-SP: Margem Da Palavra, 2016.

SIQUELLI, S.A. De antigas escolas profissionais aos campi da rede federal de educação: conservação e transformação. **Relatório Final de Pós-Doutorado**. Faculdade de Educação. Universidade Estadual de Campinas-UNICAMP, 2018. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=001061444&opt=4> . Acesso em 27/03/22.

SIQUELLI, S.A. **Textos escrito para o Colóquio “José Luís Sanfelice: Educador e Intelectual”**. Arquivo da autora –Universidade São Francisco (USF). Redigido em 03 de dezembro de 2021.

VAINFAS, R. **Micro-História**. Os protagonistas anônimos da História. Rio de Janeiro: Campus, 2002.